

Reunião da Rede SciELO – 24 e 25/09/2018

Relatoria GT 8 – A relevância do livros acadêmicos na comunicação da pesquisa

Coordenação: Flávia Rosa (UFBA)

Secretaria Executiva: Amanda Ramalho (SciELO)

Relatoria: Rita Virginia Argollo (UESC)

Resumo:

Esse relatório trata dos debates ocorridos no Grupo de Trabalho 8 – A relevância do livros acadêmicos na comunicação da pesquisa, da Reunião da Rede Scielo, e traz os resultados de cinco estudos referentes às publicações nesse formato diante do contexto da produção e comunicação científica. A dinâmica do GT foi estruturada em dois turnos de apresentações, iniciando sempre com os relatos seguidos de debates. As discussões sinalizam para a necessidade de se criar estratégias que permitam a avaliação também qualitativa das produções, a valorização do livro no ambiente científico e a adoção de caminhos que levem em consideração não apenas as citações como relevantes na aferição de fator de impacto, mas métricas que possibilitem uma análise de altmetria ampliada.

Palavras-chave: Livro acadêmico. Comunicação científica. Métrica. Altmetria.

Abstract:

This technical report shows the discussions of the Workgroup 8—The relevance of academic books to research communication—in the Rede Scielo Meeting and includes the results of five studies on academic books within the scientific communication context. The workgroup dynamic had two moments of presentations, during the morning and the afternoon, always starting with oral reports and followed by debates. The discussions indicate the need to create strategies that allow the qualitative assessment of academic productions, valuation of the book in the scientific environment, and adoption of courses of action that take not only citations as relevant in the impact factor into account, but also metrics that allow an extended altmetrics analysis.

Keywords: Academic books. Scientific Communication. Metric. Altmetrics.

RELATO

Composto por professores, pesquisadores, diretores de editoras universitárias, estudantes e profissionais da cadeia produtiva do livro, este Grupo de Trabalho contou com textos norteadores para as discussões, disponíveis no repositório de *preprint* do evento, e apresentações, sempre acompanhadas de debates. A seguir, temos um breve resumo de cada uma das cinco comunicações e os principais pontos debatidos pelos presentes.

1. Reflexões sobre o livro acadêmico no contexto da comunicação científica, de Flávia Rosa (UFBA) e Susane Barros (UFBA).

Ao chamar a atenção para a importância do contexto histórico no sentido de se compreender o atual estado da arte do livro, esse trabalho começa com um retorno à Grécia Antiga, considerada responsável pela revolução da palavra escrita, desenvolvendo uma cultura letrada. Em seguida, traz Aristóteles, como precursor do compartilhamento entre pares, passando pela Idade Média, quando as universidades surgem como importante polo transmissor de conhecimento, consolidando uma comunidade leitora.

Nesta época ainda não há o conceito de autor definido. É no século XV, com o surgimento dos tipos móveis de Gutenberg, que o processo de produção de livros, disseminação e recuperação de informações passa por grande transformação. No entanto, até o século XVII, os cientistas atuam de modo isolado, ainda amador, não havendo um padrão de ciência, se correspondendo por cartas. Na segunda metade do século XVII, então, despontam as primeiras iniciativas de trabalho coletivo, com a criação das academias, com reuniões, apontando para uma ciência mais organizada. Surgem, assim, a compilação de cartas, para atender a quem não pudesse estar presente, dando origem ao periódicos.

Entretanto, foi no século XX que a comunicação científica entre pares ganhou maior corpo. Na década de 1960 veio a indexação, aprimorando o processo de recuperação da informação. Duas décadas adiante, foram iniciadas as primeiras pesquisas sobre comunicação científica. Sem dúvidas, a criação da internet tem influenciado de modo radical o processo de comunicação científica, reconfigurando o ciclo de comunicação científica, em que o contexto atual aponta para a consolidação da ciência aberta.

Nessa configuração emergente, a palavra-chave é o compartilhamento, com pesquisas sendo comprovadas até a sua publicação final, com *preprint*, disponibilização de dados em todos os estágios da pesquisa, sem custos, em que a preocupação com direitos autorais abre espaço para licenças como *Creative Commons*. Na perspectiva dos livros, especialmente dos livros acadêmicos, a Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU) apresenta pesquisa recente mostrando o aumento no número de editoras que vem investindo na adoção do livro digital.

Diante desse cenário, as discussões são em torno da publicação do livro em acesso eletrônico aberto, do valor diferente atribuído a livros e periódicos (uma vez que ambos são voltados para publicações de resultados de pesquisa), dos desafios para a adoção de padrões internacionais na disponibilização de livros e de como os livros podem estar alinhados à ciência aberta.

2. O livro no sistema de avaliação CAPES, de Kátia de Oliveira Rodrigues (UFBA), Flávia Rosa (UFBA), Marlene Oliveira (UFMG) e Susane Barros (UFBA).

Nesse texto, as autoras analisam o livro no sistema de avaliação da Capes, pensando na relevância das publicações desta natureza para a divulgação da pesquisa. A partir da teoria de campo, de Bourdieu, sinalizam para a existência de um campo de forças no ambiente científico e a consequente luta entre seus agentes. Desse modo, destacam que o referido campo não pode ser colocado de modo alheio, uma vez que as escolhas científicas também são estratégias políticas nas quais o cientista investe para alcançar reconhecimento entre pares. Nesse sentido, as autoras ressaltam que algumas orientações da Capes parecem próprias para determinadas áreas e limitadoras para outras. Decidir o caminho, o canal de comunicação científica, é uma estratégia que adotamos pensando no retorno, mesmo que seja inconsciente.

No entanto, livro e periódico caminham paralelamente. O livro impresso apresenta menos visibilidade, com um sistema de distribuição mais frágil. Com a publicação digital em acesso aberto, começa o processo de indexação do livro, trazendo indicadores de avaliação que têm se consolidado – embora haja críticas a alguns indicadores que trazem análises apenas quantitativas. Nesse sentido, é ressaltado o peso diferente que é atribuído a livros e periódicos no sistema de avaliação da Capes.

O Qualis Periódico existe desde a década de 1990, enquanto o Qualis Livro só surge em 2009, e ainda não possui roteiro de avaliação customizado a partir do Roteiro de Classificação de Livros

(matriz) para todas as áreas que avaliam o livro. Também no que diz respeito à internacionalização dos programas de pós-graduação, o livro tem peso menor. Embora as áreas o indiquem como produção qualificada, no item internacionalização ele não aparece. Um exemplo são as áreas de antropologia, arqueologia e direito que valorizam o livro, mas não o concernente à internacionalização, quando indicam apenas o periódico.

Em seguida, as autoras discutem o roteiro para classificação do livro pela Capes, apresentando um estudo preliminar da produção intelectual, realizado a partir de pesquisa descritiva com análise do último quadriênio (2013-2016).

O estudo apresentado aponta para alguns elementos que necessitam de aprimoramento para que o livro alcance maior peso para a comunicação da pesquisa, a partir do comparativo entre as áreas que o aceitam. Das áreas analisadas, 50% das que indicam o livro customizaram o roteiro indicado pela Capes. Em 65% das áreas do estudo o livro é relevante para a comunicação científica. Foram pontuados como fatores influenciadores para a escolha entre livro e periódico: particularidades e limitações do livro impresso, visibilidade do livro digital, impossibilidade de dissociar a relevância do periódico científico no documento de área.

As autoras entendem que os programas de pós-graduação estão submissos a essas diretrizes e que para qualquer tipo de transformação é necessário um movimento coletivo. Foi ressaltado também que os instrumentos utilizados para avaliar o livro, como cálculos e roteiros, ainda não estão apresentados de maneira clara. Um ponto considerado como positivo foi que, apesar de não estar direcionado para a publicação universitária, o documento da Capes sinaliza que títulos publicados por editoras associadas à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU) têm peso maior.

Durante os debates, foram destacadas as dificuldades enfrentadas pelas editoras no que se refere a traduções e também no que se configura como desafio para o SciELO – buscar tecnologia para fazer a análise de impacto, com uma plataforma específica para o livro no sentido de lhe conferir maior visibilidade. Foi destacado também que de todas as áreas que consideram a relevância do livro, a área de Educação é a que mais tem publicado neste formato e que mais usa o livro, uma vez que nem sempre docentes e discentes têm acesso à internet. Questionou-se, diante do panorama nacional, quem tem, de fato, acesso à internet e ao livro digital.

3. Os estreitos caminhos do livro acadêmico, de Jézio Hernani Bomfim Gutierrez(UNESP).

Nesse texto, o autor apresenta questões enfrentadas pelo livro acadêmico e destaca que a edição universitária tem problemas de identidade, de definição do seu perfil e sua função em uma perspectiva científica, de compartilhamento de saberes e contribuição para o desenvolvimento do país.

Ao discutir sobre quais são os problemas de editoras universitárias, o autor destaca que, desde sua origem, a edição acadêmica (a exemplo das editoras das Universidade de Cambridge e de Chicago) prima pela qualidade e não pode descurar a disseminação do livro. Nesse sentido, ressalta, não tem perdão se publicar um livro sabendo que ele não será lido. No entanto, ainda há editores que defendem que é importante publicar o que não será lido e publicar o que não tem mercado – o que acaba sendo a mesma coisa.

Assim, a editora universitária se caracteriza como tendo esses traços, com problemas estruturais: ameaças à qualidade da publicação acadêmica, o alerta recorrente da explosão informacional, a queda de qualidade e dos processos usuais de comunicação científica. Para ilustrar, destaca que somente Cambridge e Oxford publicam 12 mil livros ao ano e que nos Estados Unidos são gerados cerca de 1 milhão de ISBN anualmente. Esses sinais devem nos levar a refletir sobre o fato que o sistema precisa ser repensado. Soma-se a isso o *self-publishing*, muitas vezes como consequência do fato de editoras estarem abarrotadas. Esse contexto chega a levar algumas editoras universitárias a abrir mão do *peer review*, fomentando publicações sem avaliação. De um lado, há uma massa de publicações que não consegue ser absorvida e, de outro, docentes que procuram a autopublicação por conta de pontuação na sua produtividade.

Esse panorama também ameaça a distribuição, com a crise do varejo (crise das livrarias). As grandes redes têm deixado de pagar, o que impõe quedas de receita regulares e dramáticas para as editoras. Esse impositivo vai ter impacto a longo prazo na edição acadêmica. Além disso, temos a crise do livro como suporte, em que os editores devem fazer uso mais eficiente do que os nascidos no milênio estão utilizando. Impõe-se, assim, o desafio de publicar conteúdo denso para celular e avaliar a se ainda é possível a existência da edição acadêmica.

Se o passado glorioso foi fundamental para que se alicerçasse a cultura do Ocidente, o presente tem se delineado como desalentador. E, para o futuro incerto, acreditamos nos caminhos apontados pelo SciELO Livros. Temos, com isso, instrumentos que nos permitem pleitear os ideais clássicos da edição, contribuindo para amenizar essa turbulência e não permitir que a universidade interrompa o compartilhamento de conhecimentos.

Durante as discussões, foi destacado que uma vez que os recursos das instituições estão minguados, as editoras universitárias têm adotado outras modalidades de negócio. O livro acadêmico encontra seu mercado, por exemplo, nos eventos científicos, sempre em parcerias possibilitadas pela ABEU, a despeito do risco de editoras predatórias. Outro ponto relevante foi a concordância com a necessidade de avaliação das produções, mas a crítica à forma como vem sendo executada. Como ponto favorável para o livro digital, foi discutido ainda a capacidade que o mesmo possui de encontrar seu leitor em potencial. Foi pontuado também que produzir no cenário contemporâneo impõe desafios, mas que ao mesmo tempo se mostra muito interessante, uma vez que aponta para questões como a das altmetrias, da avaliação transparente, da leitura por meio de *hiperlinks*, que ao mesmo tempo que pode favorecer a navegação desorientada e dispersa, pode nos levar a ambientes de extrema riqueza no âmbito da produção de conhecimento.

O debate foi conduzido ainda para questões referentes aos direitos autorais, apresentado uma possibilidade de redução do tempo atual (70 anos após a morte do autor). No entanto, foram ressaltadas as especificidades de áreas diferentes, já que algumas são afetadas pelo tempo, outras não. Desse modo, ainda hoje, muitos pensadores são originais e discutidos. Não cabendo, assim, o argumento da obsolescência. Nessa perspectiva, o esforço que uma editora universitária faz para publicar, por exemplo, Theodor Adorno, não se sustentaria em apenas cinco anos de *copy right*.

Abordou-se também o plágio acadêmico e os riscos de ferramentas wiki, que devem ser entendidas como aglutinadoras de informação, porém o *peer review* é fundamental para que se tenha acesso a uma informação qualificada e responsável. Outro aspecto que mereceu destaque foi que o livro pode tratar de assuntos que não têm como serem abordados em um artigo e que a plataforma para comunicação científica deve ser decidida caso a caso.

4. Usando métricas além de citações para demonstrar o impacto do SciELO Livros, de Stephanie Faulkner (Elsevier)

Essa apresentação trouxe as métricas para aferição do impacto de livros para além de citações, especialmente onde não há referências e na web. O texto aponta para a existência de vários meios de medir estas citações, mas que qualquer meio que se use precisa ser responsivo, aberto, transparente. Nesse sentido, surgem as altmetrias como alternativa a essa análise que vai além das referências, combinando as medidas tradicionais de impacto a medidores não tradicionais.

Como dispositivo para esse fim foi apresentado o PLUM-X (www.plumanalytics.com), que permite identificar se alguém está lendo determinado trabalho, em que bibliotecas tem determinado livro, o uso que tem sido feito dele (se o leitor fez algum movimento que indique seu retorno a determinado trabalho, como *download*, citação, envio por e-mail). Também são identificadas as menções a um determinado livro, mostrando o engajamento do público com aquela produção, valendo assim postagens em blogs, por exemplo, que levam, inclusive, a uma revisão da obra.

O instrumento apresentado contempla o tratamento dado nas redes sociais ao livro em análise. As mídias sociais, neste caso, não são entendidas somente como sinônimo de altmetria, mas sim como possibilidade de se medir o quanto um trabalho está sendo promovido pela editora, pelo pesquisador e aceito por determinado público. O PLUM-X trata as citações ainda como um fator de impacto mais abrangente, mas sinaliza para a importância de se considerar outros tipos de métricas de captura. A referida medida de impacto foi constituída de modo que se entenda que o livro leva os dados de suas métricas, que podem ser percebidos a partir dos *clicks* que tem, *downloads*, patentes, páginas web, blogs, posts etc. Por isso, o rastreamento é feito em mais de cinquenta diferentes fontes. Algumas trazem resultados próximos ao tempo real, outros diariamente ou semanalmente. A métrica é feita a partir do ISBN ou do DOI, ou de ambos.

O debate foi direcionado para um cenário que aponta para mudanças na métrica de impacto de livros. Como ilustração, foi destacado um estudo de 2016, realizado por pesquisadores de bibliometria, que analisaram métricas de mais de 70 mil livros, agrupados por áreas. Os resultados variaram de acordo com a área e o conteúdo. Assim, dependendo da temática consegue-se medir por *download*, por exemplo, em outros casos, por redes sociais. Por isso, ressaltou-se a necessidade de se fazer uma mescla desde a citação por referência até a postagem em rede.

A Coleção SciELO enviou todos os seus metadados para o PLUM-X, tornando ainda mais fácil a altmetria. Essas métricas vão estar disponíveis para cada livro e futuramente para capítulo de livro do SciELO. Neste momento, está sendo estudado como aferir as citações de cada livro em periódicos. A ideia é perceber como as editoras podem aprimorar a seleção interna para tirar melhor proveito das métricas, desde a escolha dos conteúdos trabalhados até a parceria com autores. Se se falava apenas em fator de impacto, esses outros indicadores estão sendo apresentados às comissões de avaliação como uma outra metodologia de aferição.

5. Livros e editoras: a evolução do impacto nas diversas áreas do SciELO Brasil, de Rogério Mugnaini (USP)

A apresentação deste estudo traz dados gerais da Rede SciELO, mostrando como livros e editoras vêm se comportando no panorama da produção acadêmica. O autor destaca que a avaliação tradicional leva em consideração apenas onde determinado trabalho foi publicado, se limitando aos indicadores de produtividade. O modelo vigente de política científica que vem sendo aprimorado pela Capes busca levar em consideração o que cada área prioriza.

Nos documentos de área, três indicadores prevalecem para avaliação dos periódicos: indicadores de citação, indexação em bases, características das revistas. A forma como um periódico é classificado em A1, A2 e B1 sofre críticas da comunidade de bibliometria, por se apresentar arbitrária. No sentido de esboçar uma proposta para o Qualis, está sendo avaliada a produção científica por meio do estudo de consumo de informação, que mostra um aumento de citações de livros no período 2010-2017.

O pesquisador destaca que a avaliação de fator de impacto leva em consideração as citações de até dois anos. Deste modo, foram identificadas as áreas que mais citam e/ou usam livros e periódicos. O mapeamento do SciELO feito permitiu perceber as editoras mais citadas, entre elas se destacam as editoras universitárias a partir das suas características editoriais.

Nas discussões, foi pontuada a norma da ABNT que permite o uso de traço quando um autor já foi citado e como isso pode refletir de modo negativo quando vai se aferir a incidência de citações deste autor. Vale citar, por fim, a participação no GT de quatro estudantes de Enfermagem, da Faculdade Anhembi Morumbi, que buscaram apoio nas discussões visto que planejam começar a publicar os resultados dos seus estudos. Esse fato nos mostrou a integração do GT com os diversos níveis de formação e a importância do SciELO para jovens pesquisadores.

Criado em 2012, o SciELO Livros de apresenta como um jovem portal no âmbito dos 20 anos do SciELO. No entanto, o GT 8 destacou-se pela discussão primorosa das principais questões do livro acadêmico na comunicação da pesquisa, dando a certeza de que o livro impresso e digital se complementam. Soma-se a isso o fator e que ferramentas como o Plum-X contribuirão de forma decisiva para inserir esse tipo de publicação no contexto dos padrões internacionais de mensuração e uso da produção científica.